



REFERÊNCIA PARA DIVERSAS GERAÇÕES

Morre o crítico literário, ensaísta, professor e sociólogo Antonio Candido, aos 98 anos

O crítico literário, ensaísta, professor e sociólogo Antonio Candido de Mello e Souza morreu na madrugada desta sexta-feira (12), aos 98 anos, no hospital Albert Einstein, em São Paulo.

Candido estava internado desde sábado, depois de ter uma “crise gástrica”, disse Laura Escorel, neta que morava com ele havia quatro anos. “Estamos em paz, ele esteve lúcido até o fim e não sofreu”.

Neste sábado, o corpo será cremado em uma cerimônia reservada a familiares e amigos próximos. Ele deixou orientações para que suas cinzas sejam misturadas às de sua mulher, Gilda de Mello e Souza, morta em 2005. Depois, as cinzas do casal ficarão em um jardim.

TRAJETÓRIA SINGULAR

Em 1996, chamado a celebrar a memória do escritor, professor e crítico de cinema Paulo Emilio Salles Gomes (1916-1977) em um evento da Universidade de São Paulo (USP), Antonio Candido disse que o amigo era dessas pessoas que “Deus faz e quebra a forma, pelo conjunto de qualidades interessantes e originais”. A frase poderia riricochetar no espelho, ajudando a definir também seu próprio autor.

Como crítico literário (sua forma preferida de se apresentar), professor universi-

tário, conferencista e intelectual de posições políticas assumidas em público com destemor, autor de livros, ensaios e artigos para a imprensa, Candido percorreu uma trajetória singular que o transformou em referência de independência de pensamento e de integridade moral para diversas gerações de alunos, discípulos, leitores e admiradores.

Nascido no Rio de Janeiro, em 24 de julho de 1918, Candido se mudou aos três anos para Santa Rita de Cássia (MG). Aprendeu as matérias do antigo primário com a mãe, Clarisse Tolentino de Mello e Souza.

Foi só aos 11 anos, quando passou a morar em Poços de Caldas (MG), que entrou na escola para fazer o antigo ginásio, concluído em São João da Boa Vista (SP).

Veio para São Paulo em 1936 e, nos dois anos seguintes, fez o curso complementar do extinto Colégio Universitário —espécie de escola preparatória— da USP.

Em 1939, ingressou na Faculdade de Direito da USP (que viria a abandonar no quinto ano, antes da conclusão) como espécie de compensação exigida pelo pai, o médico Aristides Candido de Mello e Souza, para que fizesse, conforme seu desejo, o curso de Ciências Sociais na antiga Faculdade de Filosofia da mesma universidade

(atual Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH).

Nessa unidade, assumiria em 1942 o cargo de professor-assistente de sociologia.

Tinha início uma carreira universitária brilhante. Em 1945, com a tese “Introdução ao Método Crítico de Silvio Romero”, tornou-se livre-docente em Literatura Brasileira pela USP. Em 1954, recebeu o título de doutor em Ciências Sociais com a tese “Os Parceiros do Rio Bonito”. E, em 1960, assumiu o cargo de professor de Teoria Literária e Literatura Comparada na FFLCH. Aposentado da instituição em 1978, continuou a orientar dissertações e teses de pós-graduação.

Em 1958, Antonio Candido assumiu o cargo de professor de Teoria Literária na Faculdade de Filosofia de Assis, hoje pertencente à Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde passou dois anos. De 1976 a 1978, coordenou o Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). No exterior, lecionou na Universidade de Paris (1964-66), e na Universidade Yale, em 1968.

A carreira de crítico literário na imprensa teve início em 1943, quando começou a escrever para a “Folha da Manhã”, publicação que deu origem à Folha de S.Paulo. Ainda nos anos 1940, foi

crítico do jornal “Diário de São Paulo”. E, em 1956, fez o projeto do “Suplemento Literário” de “O Estado de S. Paulo”, que ajudou a modernizar o jornalismo cultural brasileiro.

Em entrevista concedida em 2011, na Flip (Festa Literária Internacional de Paraty), falou sobre o período como crítico titular na “Folha da Manhã”: “eu tinha que fornecer toda semana um artigo de cinco a seis laudas datilografadas, 32 linhas e 70 toques sobre o livro do momento. Ocupava a parte de baixo, o rodapé, e tinha um nome fixo, o meu chamava Notas de Crítica Literária”.

Na mesma entrevista, questionado sobre novas tecnologias para a leitura, disse que este “era um mundo fechado” para ele. “Revelo aqui se vocês não contarem para ninguém, mas ainda escrevo a máquina. Sou um homem do passado, enclachado no passado. Não tenho computador, não tenho e-mail.”

Candido foi um dos fundadores da lendária revista cultural “Clima”, que publicou apenas 16 números, entre 1941 e 1944, mas revelou um grupo de intelectuais de atuação marcante no cenário cultural e universitário paulista: Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado, Ruy Coelho e Gilda de Moraes Rocha, com quem Candido se casou

em 1943, quando ela adotou o nome Gilda de Mello e Souza.

O casal teve três filhas: Laura, Ana Luísa e Marina.

MILITÂNCIA

A militância política de Candido começou ainda na juventude, como integrante da Frente de Resistência contra a ditadura do Estado Novo. Em 1942, ele participou da criação do Grupo Radical de Ação Popular. Três anos depois, ajudou a fundar a União Democrática Socialista.

Em seguida, aderiu —ao lado de Sérgio Buarque de Holanda, um de seus grandes amigos— à Esquerda Democrática, que daria origem em 1947 ao Partido Socialista Brasileiro, pelo qual Candido foi candidato a deputado estadual em 1950. Teve pouco

mais de 500 votos.

Em 1966, ao voltar da temporada em Paris, manifestou seu apoio ao MDB. Em 1977, assinou o Manifesto dos Intelectuais, que pedia o fim da censura.

E, em 1980, participou da fundação do PT. “Confesso que por toda a minha vida, mesmo nos momentos mais agudos, nunca fui capaz de perder a preocupação com os fatores sociais e políticos, que obcecaram a minha geração como uma espécie de memento e quase de remorso”, disse em entrevista à revista “Trans-form-ação”, em 1975. Antonio Candido reunia, como se vê, “um conjunto de qualidades interessantes e originais”.

Ele deixa três filhas, Laura de Mello e Souza, Ana Luísa Escorel e Marina de Mello e Souza, e netos.

